

Viagens da Saudade

Coordenação

Maria Celeste Natário

Paulo Borges

Luís Lóia

Organização

Cláudia Sousa

Nuno Ribeiro

Rodrigo Araújo

Porto

2019

FICHA TÉCNICA

Título: **Viagens da Saudade**

Coordenação: Maria Celeste Natário
Paulo Borges
Luís Lóia

Organização: Cláudia Sousa
Nuno Ribeiro
Rodrigo Araújo

Editor: Universidade do Porto. Faculdade de Letras

Ano de edição: 2019

ISBN: 978-989-8969-26-2

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-8969-26-2/viag>

URL: <https://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id022id1671&sum=sim>

A reflexão metafísica sobre o fundamento divino da saudade

Resumo: Procuramos mostrar neste artigo que há uma dimensão da realidade que se revela, não pela racionalidade lógico-analítica, mas pela inteligência senciente do sentimento saudoso que vive o estremecimento estético do Mistério infinito. A realidade é verdadeira, apetecível e bela, num movimento de permanente abertura a novos sentidos e significações. As saudades realizam na circunstância cultural da História o sentimento da Saudade transcendente no desejo de uma comunhão mais amplificante e harmoniosa. Pelas experiências de angústia e de felicidade, a saudade revela a alteridade ontológica e a esperança de absoluta e definitiva comunhão amorosa dos seres com o Ser.

Palavras chave: ontologia, saudade, angústia, felicidade, amor.

The metaphysical reflection on the divine foundation of longing.

Abstract: In this article, we seek to convey how there is a dimension to reality that is not revealed by logical-analytical rationality but rather by the sentient intelligence of healthy emotions that live the thrilling aesthetic of the infinite Mystery. This reality is true, appealing and beautiful, within a movement of permanent openness to new feelings and meanings. Longings emerge in the cultural circumstance of History with the feeling of transcendental longing and the desire for a broader ranging and more harmonious communion. Out of the experience of anguish and happiness, longing reveals the ontological otherness and the hope for the absolute and definitive loving communion of beings with the Being.

Keywords: ontology, learning, anguish, happiness, love.

* Professor auxiliar da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa
sdimas@fch.lisboa.ucp.pt

1. O sentimento como forma de atualização da realidade que se experiencia na fruição estética

A realidade também se faz presente ao homem, por via sentimental, no estremecimento da experiência estética, isto é, atualiza-se diante do sujeito, não apenas enquanto ser cognoscente e volitivo, mas também enquanto ser senciente, nas palavras de Xavier Zubiri, enquanto «inteligencia sentiente»⁸⁹². Ora, como desenvolve o filósofo espanhol, a realidade atualiza-se, não apenas na *inteligência* como verdade (intelecção) e na *vontade* como bem (volição), mas também no *sentimento* como fruição da realidade bela e agradável ou de rejeição da realidade feia e desagradável⁸⁹³.

A realidade não é apenas inteligível para a inteligência (*verum*) ou apetecível e determinável como boa para a vontade (*bonum*), mas é também atemperante para o sujeito que se acomoda vitalmente a ela na sua beleza transcendente (*pulchrum*)⁸⁹⁴. Estamos a falar, nesta terceira dimensão, do encontro com a realidade que se dá por um estremecimento vital através de um saber emocional e de uma comunicação simbólica⁸⁹⁵. É significativa a interpretação que José Carlos Pereira estabelece da estética do sentimento de Aarão de Lacerda, em diálogo com Leonardo Coimbra, no sentido de conceber a arte como uma realidade que reflete uma verdade não imediatamente visível em relação íntima com a vida e com os seus sentimentos, como a dor e a alegria, a graça ou saudade⁸⁹⁶. A poesia metafísica de Teixeira de Pascoaes, a metafísica lírica de Leonardo Coimbra, a metafísica transpredicativa de José Enes, e a Metafísica da religação de Xavier Zubiri, traduzem o sentimento saudoso da realidade.

Estes pensadores metafísicos reabilitam o belo e concebem a realidade não apenas como objeto de inteligibilidade e de opção, mas também como objeto de sentimento no sentido de uma fruição estética. A sua razão não é apenas lógico-analítica, mas é também mistérico-analógica, propondo contra o irracionalismo intuicionista de Bergson ou vitalista de Miguel de Unamuno, a unidade da ideia e do sentimento, da vontade e do desejo, da predicação e da intuição, na procura de uma

⁸⁹² Cf. Xavier Zubiri, *El Hombre y Dios*, Madrid, Alianza Editorial, 1998, pp. 36-37.

⁸⁹³ Cf. Xavier Zubiri, *Sobre el sentimiento y la volicion*, Madrid, Alianza Editorial, 1993, pp. 340-341

⁸⁹⁴ Cf. *ibidem*, p. 366.

⁸⁹⁵ Cf. José Carlos Pereira, *A Subjetividade nos limites da Razão, Ensaio de Estética*, Lisboa, Opera Omnia, 2018, p. 93.

⁸⁹⁶ Cf. *ibidem*, p. 94.

compreensão integral da realidade⁸⁹⁷.

Para Xavier Zubiri, a coisa real fica atualizada no sujeito de uma certa forma e no caso da fruição estética, a realidade fica atualizada como realidade enquanto tal⁸⁹⁸. Desta maneira, a obra de arte é expressão da atualidade da realidade no sujeito como realidade em si mesma. A verdade, o bem e a beleza não são valores nem qualidades das coisas, mas são três modos intrínsecos de a realidade se atualizar no homem⁸⁹⁹. Mas porque todas as coisas são limitadas têm a possibilidade de ser belas ou de ser feias, proporcionando a fruição ou a rejeição, o gosto ou o desgosto. Mas beleza e fealdade não estão no mesmo plano, porque há uma prevalência do aspeto positivo: as coisas formosas e as coisas feias são expressão positiva ou negativa daquilo que é a beleza no seu sentido transcendente da realidade⁹⁰⁰. Por outro lado, o âmbito transcendente da beleza nas coisas reais é algo aberto, pelo que as coisas que nos parecem belas hoje poderiam ser feias, por exemplo, para o homem grego⁹⁰¹. Deste modo, o autor atende ao aspeto cultural e histórico da realidade na sua reflexão metafísica.

Toda a realidade fora de Deus atualiza a beleza na matéria somática, tal como a presença de Cristo diante dos apóstolos depois da ressurreição, e não apenas na matéria orgânica. A beleza não é um mero modo da bondade, mas é um transcendental da realidade com caráter próprio e peculiar. A realidade enquanto se oferece ao sentimento tem o caráter próprio da beleza. A beleza é a realidade enquanto atualização na fruição estética⁹⁰². Para os escolásticos, toda a verdade é ser e todo o ser é verdade, tal como todo o bem é ser e todo o ser é bom, mas podemos dizer, hoje, que toda a beleza é real e todo o real é belo?

Considera Xavier Zubiri que nem toda a realidade é bela, porque há coisas feias e horrendas. Mas da mesma maneira, essa conversão não pode ser feita em relação aos outros transcendentais: nem toda a realidade é inteligível, como é o caso do mistério da Trindade em Santo Agostinho, e, por outro lado, também há realidades falsas. Assim, o irracional e o falso são momentos da realidade tal como é o verdadeiro⁹⁰³. O mesmo se aplica ao bom, pois há realidades más e indesejáveis. Neste sentido, o filósofo partilha com Duns Escoto a ideia de que a vontade pode querer o mal por si

⁸⁹⁷ Cf. *ibidem*, p. 95.

⁸⁹⁸ Cf. Xavier Zubiri, *Sobre el sentimiento y la volicion*, p. 345.

⁸⁹⁹ Cf. *ibidem*, p. 357.

⁹⁰⁰ Cf. *ibidem*, p. 369, 373.

⁹⁰¹ Cf. *ibidem*, p. 373.

⁹⁰² Cf. *ibidem*, p. 380.

⁹⁰³ Cf. *ibidem*, p. 383.

mesmo⁹⁰⁴. Os transcendentais são disjuntivos, porque pertencem a uma realidade transcendentemente limitada.

Desta reflexão, conclui o autor que Deus não tem sensações para conhecer as coisas, mas conhece-as, nem tem razões apetitivas para querer as coisas, mas quere-as, e, embora não tenha afetos, tem sentimentos como aquele que intervém na função de criar. Deus cria porque é inteligente, volente e complacente para que as coisas reais existam. Nada do que sai da criação de Deus é falso, mau ou feio, mas tem a possibilidade de o vir a ser⁹⁰⁵. É importante frisar esta associação do falso, do mal e do feio à limitação, pois caso contrário estaríamos numa posição maniqueia, tal como aquela que associa a possibilidade da escolha do mal e do horrível à eternidade e infinitude. Esta possibilidade é da ordem do relativo e não do absoluto, pois no absoluto apenas subsiste o bem, o belo e o verdadeiro.

Os transcendentais são atualidades do real no sentido mundano e pelo seu caráter limitado têm um momento de negatividade, pelo qual as coisas podem ser falsas, más ou feias. Mas os transcendentais estão numa condição de coopertença: podemos dizer que a verdade é o bem da inteligência e que a beleza é o bem dos sentimentos (*bonum*), como podemos dizer que a beleza é a verdade do sentimento estético e o bem é verdade moral da vontade (*verum*), como podemos dizer que a beleza é um caráter de fruição da verdade na inteligência e é um caráter de fruição da bondade na vontade (*pulchrum*)⁹⁰⁶.

O real é verdadeiro (inteligível), bom (apetecível) e belo (atemperante) num sistema aberto e dinâmico, pois a verdade, a bondade e a beleza não estão dadas de uma vez por todas. Deus cria o Mundo não para sua glória, mas pela fruição de dar realidade ao que não é ele mesmo e, por isso, limitado e contingente. Em termos metafísicos, devemos dizer que Deus permite a existência de coisas falsas, más e feias, mas os aspetos positivos prevalecerão e dominarão⁹⁰⁷.

2. O sentimento metafísico da saudade

A saudade é um sentimento metafísico e, por isso, objeto de reflexão ontológica. Isto significa que a saudade é uma modalidade do sentimento e que cada saudade concreta manifesta de forma parcial a saudade transcendente e atemática. Nesse sentido, como afirma Andrés Torres Queiruga, a

⁹⁰⁴ Cf. *loc. cit.*

⁹⁰⁵ Cf. *ibidem*, p. 385.

⁹⁰⁶ Cf. *ibidem*, p. 387.

⁹⁰⁷ Cf. *ibidem*, p. 391.

satisfação de uma saudade concreta, pela presença de algo desejado anteriormente ausente, pode significar a eliminação *dessa* saudade, mas não o fim *da* saudade. A experiência subjetiva da realização concreta da saudade nunca é vivida em plenitude, como se encerrasse um excesso de ausência e uma distância impossível de eliminar⁹⁰⁸.

Quer isto dizer que a realidade está maculada por uma carência ou deficiência ontológica absoluta e insuperável que se manifesta no sentimento pela impossibilidade definitiva da satisfação da saudade?

Esta questão denuncia o caráter paradoxal deste sentimento e da sua tematização. O sentimento da saudade é um sentimento de amor e a ausência que manifesta é uma ausência muito presente, porque é uma ausência física no modo de presença espiritual. O que é específico do sentimento saudoso é que a ausência e a presença remetem para uma paradoxal comunhão e união. A presença do outro como realização do eu dá-se de forma paradoxal na comunhão espiritual dessa ausência presente ou dessa presença ausente. É verdade que, quando a possibilidade de anular a ausência se esgota, o sentimento de saudade dá lugar ao sentimento de tristeza, e que, quando a distância se elimina, o sentimento de saudade é substituído pelo sentimento da completude e da felicidade. Mas nem a tristeza significa a eliminação absoluta da comunhão espiritual e da saudade, nem a felicidade significa a eliminação absoluta da distância e da saudade.

Nesta perspectiva, a saudade é transcendente, porque pertencente ao dinamismo do espírito e do amor e remete para a possibilidade de uma comunhão mais ampla. É transcendente porque supera o limite do concreto e é saudade porque essa possível comunhão dá-se no modo de ausência e desejo de mais ser⁹⁰⁹. Os diferentes níveis de realização concreta, na imediatêz do mundo e dos outros, não esgotam a vontade de união amorosa e o desejo de completude, exigindo uma abertura absoluta que se traduz em termos religiosos pelo sentimento da saudade de Deus. A experiência de Deus dá-se no modo de presença ausente.

No quadro de uma metafísica teísta da transcendência, podemos dizer que isso é assim, não por insuficiência ou por incapacidade do ser infinito de Deus em se manifestar de forma plena, mas por excesso no dinamismo inefável da sua presença espiritual. Também a comunhão com o divino não esgota o desejo de maior união amorosa. Também a ausência dessa comunhão não elimina a esperança da plenitude. Mesmo nos casos em que o cumprimento ou a satisfação da saudade vai

⁹⁰⁸ Cf. Andrés Torres Queiruga, *Para unha Filosofía da Saudade*, Ourense, Editorial Galaxia, 2003, p. 53.

⁹⁰⁹ Cf. *ibidem*, p. 49.

para além do esperado, fica um resto de esperança de que a união seja ainda mais perfeita, no sentido de que a situação presente de felicidade é, ao mesmo tempo, entendida como penhor do futuro e de maior felicidade.

Importa regressar à questão inicial. Como é que podemos entender a saudade como um dos atributos do ser transcendente e infinito, de que os seres participam nas formas categoriais da vivência concreta, se a saudade é um sentimento e encerra um sentido de carência? Não será mais correto entender o carácter ontológico da saudade no contexto de uma metafísica panteísta ou panenteísta da cisão e da degradação imanente, associando-a à condição finita da realidade temporal como desejo de regresso à unidade originária? Na metafísica monista da queda e da restauração de autores como Sampaio Bruno e Teixeira de Pascoaes, o cosmos, na dispersão da sua heterogeneidade, geme de saudade da homogeneidade originária. Mas como conceber a saudade transcendente numa metafísica teísta da criação e da consumação que atribui ao ser absoluto e imutável de Deus toda a perfeição e plenitude e atribui a todas as criaturas uma participação dessa bondade e verdade, no reconhecimento de que a redenção não incide no regresso, mas na ascensão plenificadora para o futuro escatológico?

Podemos encontrar duas soluções distintas para esta dificuldade no plano da metafísica teísta: a primeira, já aqui enunciada, apresenta a saudade como sentimento espiritual transcendente de *eficiência*, que consiste no desejo de permanência na relação de comunhão que se dá de forma paradoxal na correlação entre imanência e transcendência, unidade e alteridade, ausência e presença⁹¹⁰; a segunda solução apresenta a saudade como sentimento anímico e espiritual de *deficiência*, que revela a condição de contingência e consiste apenas na memória e desejo da completude perdida ou da perfeição ainda não atingida⁹¹¹. A primeira solução, ilustrada pela metafísica da saudade de Manuel Cândido Pimentel, privilegia a pluralidade, a manifestação, o desenvolvimento e a plenificação, apresentando a saudade como sentimento transcendente da Alteridade entre Deus e as suas criaturas no desejo de permanência no amor absoluto⁹¹². A segunda solução, ilustrada pela filosofia da Saudade de António Dias de Magalhães, acentua a unidade, a queda e a redenção, apresentando a saudade como o sentimento espiritual do ser contingente, que

⁹¹⁰ Cf. Manuel Cândido Pimentel, «Da Saudade em Deus», in *Cadernos Vianenses*, Viana do Castelo, Câmara Municipal, tomo 34 (2004), p. 92.

⁹¹¹ Cf. António Dias de Magalhães, «Da História à Metafísica da Saudade», in *Saudade e Ser*, in Afonso Botelho e António Braz Teixeira (organização), *Filosofia da Saudade*, Lisboa, INCM, 1986, p. 266.

⁹¹² Cf. Manuel Cândido Pimentel, «Da Saudade em Deus», in *Cadernos Vianenses*, Viana do Castelo, Câmara Municipal, tomo 34 (2004), p. 89.

revela no nível ôntico-psicológico de cognição por co-naturalidade o desejo da vida imortal em Deus⁹¹³.

Vamos atender a três especificidades sobre o caráter ontológico do sentimento da saudade, no sentido positivo de manifestação vital do desejo amoroso do absoluto, que se podem encontrar em cada uma destas soluções: a primeira refere-se à saudade como reveladora da experiência antepredicativa do mistério do ser, paradoxalmente ausente e presente; a segunda refere-se à saudade como abertura absoluta e desejo de plenitude, traduzida na tensão existencial entre a angústia da privação e a esperança da presença; e a terceira refere-se ao fundamento divino da saudade que garante ao homem a possibilidade da abertura para a alegria e para a esperança da felicidade, mesmo no abismo do desespero.

3. O sentimento da saudade como revelador da experiência antepredicativa e atemática do Mistério do Ser

Como reconhece Paul Ricoeur, o sentimento resiste à tentativa de *formulação conceptual* da *racionalidade* lógico-analítica, que é reflexo de um processo judicativo de elaboração consciente⁹¹⁴, pelo que a sua tematização metafísica exige uma abordagem fenomenológica que privilegie a *formulação nocional* do *pensamento*, que é reflexo de uma vivência espontânea pré-reflexiva, e que atenda ao seu caráter manifestativo do ser, que não se dá em forma pura e abstrata, mas dá-se através dos seres determinados mediante sensações e imaginações⁹¹⁵. O sentimento é ontológico porque constitui-se como revelador da experiência primordial do ser do homem. A relação com o Mundo experimentada no sentimento, irreduzível à polaridade entre afeição subjetiva e intencionalidade objetiva, revela-nos a nossa pertença mais profunda à realidade, num nível que nomeamos de antepredicativo⁹¹⁶.

Esta experiência originária e atemática da saudade, que mostra a abertura absoluta do homem à plenitude do Ser⁹¹⁷, oculta-se na razão lógico-analítica do senso comum e da ciência e oculta-se na conceptualização da razão filosófica. Por isso, como refere José Enes, sem se abandonar a

⁹¹³ António Dias de Magalhães, «Da História à Metafísica da Saudade», in *Saudade e Ser*, in Afonso Botelho e António Braz Teixeira (organização), *Filosofia da Saudade*, p. 266.

⁹¹⁴ Cf. Paul Ricoeur, *À l'école de la Phénoménologie*, Paris, J. Vrin, 1986, p. 251.

⁹¹⁵ Cf. Amor Ruibal, *Los problemas fundamentales de la Filosofía y del Dogma*, vol. IX, Santiago de Compostela, Tipografía del Seminario Conciliar de Santiago (de Compostela), 1936, p. 19.

⁹¹⁶ Cf. Paul Ricoeur, *Finitude et culpabilité. L'Homme faillible*, Paris, Editions Aubier Moutaigne, 1960, p. 101.

⁹¹⁷ Cf. *ibidem*, p. 121.

categorização necessária à comunicação e à tematização desse encontro espontâneo, é necessário recorrer a uma linguagem transpredicativa ou superpredicativa que, através do mostrar-se metafórico e poético do ver intuitivo, revele a sugerência antepredicativa implícita na predicação racional acerca desse sentimento sobre a realidade vital e incondicional que tudo sustenta e encaminha para si⁹¹⁸.

Trata-se do encontro do sujeito com o todo indefinido onde as coisas surgem ao ser, por virtude imanente da espontaneidade manifestativa ou genética dessa realidade total (*natura rerum*). O plano desta ordem natural das coisas, em que se dá a originalidade luminosa do fenómeno, manifesta-se à intuição no sentir inteligente, constituindo um conhecimento distinto daquele que é proporcionado pela razão lógica: «(...) a coisa manifesta-se no sentir e, nesta manifestação, a existência da natureza é conhecida *per se*, ou seja, por um conhecimento imediato»⁹¹⁹. A função noética do *intuitos* corresponde à operação da inteligência em ato primeiro na percepção do seu objeto, que significa um olhar vigilante acerca do ser, apreendendo-o e guardando-o sem interferir, numa postura de completo respeito e recato⁹²⁰. Este momento da operação da inteligência em *ato primeiro* é descrito por Leonardo Coimbra com a noção noético-emocional de *Alegria* e corresponde ao ver intuitivo que permite um contacto de imediata *assimilação e apreensão*, numa experiência atemática da realidade que nos introduz na energia exuberante da beleza indizível do ritmo cósmico, transmitindo-nos um sentimento de verdade, paz e harmonia⁹²¹.

José Enes considera que se trata de uma manifestação sensorial, em que as coisas vêm à intuição como nascidas (*res natae*), mas que, ao se apresentarem por contraposição ao nada (*non res natae*), surgem como seres. É neste primeiro aparecer que o ser se manifesta na sua ação de vir a ser, excedendo o que se descerra na manifestação sensorial enquanto natureza. A *coisa* oferece-se como ser sensível, mas já enquadrada numa representação conceptual e imagética, a *natureza* assoma em cada coisa como força geradora imanente, mas também já sob a representação, naquilo que Leonardo chama os *atos segundos* da inteligência que podem pesar como preconceitos ilegítimos que nos fazem desviar do contacto perfeito com a realidade, isto é, da vida da graça que

⁹¹⁸ Cf. José Enes, *Estudos e Ensaios*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1982, p. 97.

⁹¹⁹ *Idem*, *À Porta do Ser. Ensaio sobre a justificação noética do juízo de percepção externa em São Tomás de Aquino*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1990, p. 375.

⁹²⁰ Cf. *ibidem*, p. 93.

⁹²¹ Cf. Leonardo Coimbra, *O Homem às Mãos com o Destino*, Braga, Faculdade de Filosofia, 1950 (separata da Revista Portuguesa de Filosofia, Braga, VI, 1 [1950]), in *Obras Completas*, vol. VIII, Lisboa, INCM, 2014, p. 333.

está a montante dos erros de precipitação e de utilitarismo da conceptualização lógica⁹²². Neste segundo momento do exercício discursivo de racionalização dá-se a ocultação da unidade originária entre o sujeito cognoscente e o objeto na vivência pré-categorial da comunhão matricial, numa relação mediata e hermenêutica dos conteúdos intuitivos assimilados, que o filósofo criacionista representa pela noção noético-emocional de *Dor*⁹²³.

Embora primigénia, a experiência atemática de ser exige a predicação conceptual, não só para se comunicar, mas também para se desenvolver na sua ação manifestativa progressiva e dinâmica. Mas acontece que esse processo fica incompleto, se decorrer apenas pela ação predicativa e pelo distanciamento crítico da inteligência *em ato segundo*. É necessário recorrer ao terceiro momento, que José Enes apelida de transpredicativo e Leonardo Coimbra representa pela noção noético-emocional da *Graça*, pelo qual se dá a síntese entre a racionalização conceptual e a simbólica poética⁹²⁴. Neste terceiro momento da atividade pensante, a linguagem lógica, pelo recurso ao discurso metafórico, tem a função de estimular as situações imaginativo-intelectuais em que a emoção abre a intuição para a explicitação do que era conhecido sem se saber, mostrando a sugerência antepredicativa que traz implícita⁹²⁵.

Considera Leonardo Coimbra que, pelo recurso a este lirismo metafísico e à fé da revelação, a comunicação da experiência do impensado na vivência atemática do encanto de simplesmente viver e existir, traduz-se no reconhecimento de que a abertura originária e espontânea ao infinito de Ser significa a presença de Deus e pode ser ilustrada pela *noção* noético-emocional da *Graça*⁹²⁶. É uma experiência gratuita que não depende da imposição conceptual da razão, mas da manifestação primordial do Ser na sensação da Vida, traduzida em termos religiosos pela noção da iniciativa divina que se revela como Mistério inefável e Excesso indizível. A presença do Mistério da Vida é um dom primitivo que fica oculto pela razão utilitária, mas que se manifesta na inocência da intuição comunicada pelo discurso que contacta coextensivamente o corpo da realidade e se revela na ascese da experiência simbólica religiosa: «E esse dom primitivo só uma ascese artística o pode desvendar aos nossos olhos, como só uma ascese religiosa o pode revelar

⁹²² Cf. *loc. cit.*

⁹²³ Cf. *idem*, *A Alegria, a Dor e a Graça*, Porto, Renascença Portuguesa, 1916, in *Obras Completas*, vol. III, Lisboa, INCM, 2006, p. 45 [10].

⁹²⁴ Cf. José Enes, *Estudos e Ensaios*, p. 96.

⁹²⁵ *Idem*, *À Porta do Ser. Ensaio sobre a justificação noética do juízo de percepção externa em São Tomás de Aquino*, p. 130.

⁹²⁶ Cf. Leonardo Coimbra, *A Razão Experimental: Lógica e Metafísica*, Porto, Renascença Portuguesa, 1923, in *Obras Completas*, vol. V, tomo II, Lisboa, INCM, 2009, p. 285 [376].

como dom, marcado ainda dos dedos da mão doadora»⁹²⁷.

No fundamento pré-conceptual e antepredicativo dá-se a presença do Ser como graça divina, numa com-presença mundanizadora que significa deixar à realidade a liberdade de presentear-se no processo de com-agir. Ora, considera José Enes que representar significa voltar a tornar presente a presença originária desaparecida, mas isso só é possível pela memória intuitiva que sente o desejo de voltar a ver a coisa que se presenteara a ela mesma na vivência atemática. O ser é o apelo desse desejo e o que se abre no intuito ou na inteligência em ato primeiro, quando a coisa desaparece, é a *saudade do ser*: «A saudade nasce de sentir-se ausente do que se presenteara no sentir. Solidão sentida, desolação inconstentida, consolação desejada, eis a saudade»⁹²⁸. A saudade resulta do sentimento de privação da coisa por parte do sujeito intuitivo e no gesto de oferecer e aceitar, dramatizado no rito litúrgico do sacrifício ou nas sílabas silenciosas do poema, procura reconduzir-se à maravilha da primeira presença de pura graça. Na representação das linguagens mítica, litúrgica, artística e literária dá-se a repetição do momento original em que o ser se doou com-nascendo com o intuito no presentear-se da coisa. Estas linguagens, pela imagética metafórica e analógica, transportam o ímpeto da saudade desse encontro originário com o ser e, num presentear-se *factivo* e *fictício*, procuram vencer a distância entre a intuição e o ser, reproduzindo esse nascimento original: «O mistério então vislumbrado, agora, assoma no desejo de tornar a repetir tal maravilha pela eficácia mágica da representação»⁹²⁹. Se for uma representação puramente lógica, esse desejo sai frustrado.

Para José Enes, a alegria pela maravilha do nascimento e a dor pela suspeita da morte originam o pressentimento do mistério e acentuam a saudade da presença. A representação penetrada pelo discurso poético, em ritmo teatral ou litúrgico, procurará repetir a presença e, dessa maneira, *matar a saudade*. Esta experiência fenomenológica da saudade como via de acesso ao ser é um sentimento que revela, no plano da predicação consciente, o desejo de regresso à abertura originária do Infinito vivida na experiência antepredicativa inconsciente e esse regresso só poderá ser feito pela via categorial. Portanto, em José Enes, a saudade não será a própria experiência originária antepredicativa, convocando o pensar à sua tematização categorial por via da linguagem

⁹²⁷ Cf. Leonardo Coimbra, *O Homem às Mãos com o Destino*, in *Obras Completas*, vol. VIII, p. 334.

⁹²⁸ José Enes, *À Porta do Ser. Ensaio sobre a justificação noética do juízo de percepção externa em São Tomás de Aquino*, p. 377.

⁹²⁹ *Loc. cit.*

poética⁹³⁰, mas a saudade é o sentimento que manifesta a ausência dessa experiência atemática primigénia com o desejo de a voltar a tornar presente, o que só é possível pela mediação de uma representação que inclua a simbologia metafórica sugestiva da intuição originária do mistério do Ser. Assim, Manuel Cândido Pimentel tem razão ao denunciar que a noção de saudade de José Enes está associada apenas ao sentimento da carência e da solidão, esquecendo que no dinamismo da saudade a ausência significa a presença como um outro⁹³¹.

Enquanto sentimento metafísico da alteridade, na saudade dá-se a presença do ser, não na indiferenciação ontologista da subjetividade ou panteísta da idealidade, mas na diferença ontológica que manifesta a realidade paradoxal e analógica da sua transcendência imanente e da sua imanência transcendente que não se confunde com a diferença coisificada de um objeto sensível em relação a outro. A partir de um sentido negativo do sentimento da saudade, que faz acentuar o seu lado da ausência e angústia em detrimento do seu lado da esperança e felicidade, José Enes transmite a ideia de que todas as formas de representação deixam saudade do objeto, constituindo-se a saudade como meramente instrumental. Ora, de modo distinto, nós consideramos que a saudade é o sentimento metafísico que manifesta a própria experiência antepredicativa de abertura ao ser infinito e incondicional como fundamento originante e presença plenificante de todo o existir que se dá em forma de ausência pelo excesso inefável do seu Mistério absoluto. Não há saudade desse encontro transcendental com o ser, mas o próprio encontro se dá saudosamente, porque o ser não é passível de total apropriação e total definição. O excesso do Ser manifesta-se emocionalmente através do sentimento da Saudade. Também neste sentido, o filósofo da *razão comovida* acusa José Enes de pensar a saudade no plano especulativo da representação, quando a saudade deve ser entendida como um olhar para a origem que não é representação nem por esta pode ser dada⁹³². O sentimento da saudade do ser vai para além da representação e procura a identidade do si saudoso com o que deseja em saudade, revivendo em matinal frescura essa comunhão perdida. A saudade do ser é a saudade do que não está representado ou do que está oculto no pressentimento da origem, antes do exercício judicativo, mas este desejo ontológico de se recolher à presença que também afeta a corporeidade só poderá ser satisfeito plenamente na vida divina para além da morte. A satisfação deste desejo saudoso na nossa condição temporal

⁹³⁰ Cf. Manuel Cândido Pimentel, «A noética da Saudade. Interrogação a José Enes», in *Nova Águia - Revista de Cultura para o século XXI*, n.º16 (2.º semestre de 2015), p. 179.

⁹³¹ Cf. *loc. cit.*

⁹³² Cf. *ibidem*, p. 180.

finita dá-se em forma de presença-ausência, como prefiguração da satisfação plena, e para não ficar absolutamente oculta, advém à transpredicação nocional da linguagem poético-metafísica que pode incluir os dados da fé.

A *noção* é uma presença atemática que está envolvida de maneira diversa em cada *conceito* que a explicita, revelando o caráter invisível e inefável do ser que se presentifica no sendo dos seres e que se oculta à operação funcional da razão técnica e científica. Desta maneira, a saudade no sentido transcendental não é um conceito, mas é uma noção sentimental presente nos sentimentos concretos de forma velada. Na sua pureza ontológica, a saudade traduz o momento original de manifestação do ser humano como desejo de realização plena e de manifestação do ser como excesso de infinitas possibilidades. Mas na realidade psicológica concreta do homem, este momento originário atemático surge traduzido, com maior ou menor intensidade, no sentido da angústia ou no sentido da esperança: a saudade significa a memória angustiada da privação ou da perda com o desejo expectante de reunião com o bem ausente. A nostalgia da terra natal ou o desejo de Deus são traduções saudosas concretas do momento originário pré-consciente desse encontrar-se do ser humano enquanto comunhão em ausência e plenificação em potência: a saudade torna presente de modo espiritual o bem ausente na forma física⁹³³.

A saudade só tem realidade e existência concreta nas suas diferentes manifestações psicológicas. É o impulso originário e fundante das saudades particulares, isto é, a sua condição de possibilidade. A ânsia de algo que ainda não se possui ou não se vive é um sentimento concreto que *está aí*, de uma ou de outra forma, que pertence a determinada pessoa e se dá em determinada circunstância. Comum a estes diversos estados ou atualizações, num momento estrutural que os unifica, está esse dinamismo transcendente da saudade que os origina. Essa fonte é Excesso e Mistério, enquanto impulso de infinita realização e enquanto realidade inefável que se oculta na conceptualização lógica e se revela na intuição de forma dinâmica e assintótica e nunca de forma estática e definitiva.

4. A saudade como abertura absoluta e desejo de plenitude

O sentimento constitui a pertença da existência ao ser e na sua forma excelsa de sentimento ontológico possibilita que o absoluto, paradoxalmente transcendente e imanente ao nosso fundo vital, venha ao seio do nosso coração como Amor Incondicional. O sentimento ontológico

⁹³³ Cf. Andrés Torres Queiruga, *Para unha Filosofía da Saudade*, p. 74.

manifesta a interioridade do Absoluto, que deixa de ser apenas uma ideia ou a Ideia das ideias, para se revelar como Afetividade. Mas como interpela Paul Ricoeur, não será que ao dividir-se como negativo e positivo, angústia e felicidade, o sentimento ontológico se anula a si mesmo? Ao concretizar-se em angústia e felicidade o sentimento não impede ou oculta esse Absoluto de Amor? Como explica o autor francês, a angústia é o sentimento da diferença ontológica, mas é a Alegria que expressa a nossa ligação ao Ser. A angústia não é expressão de um princípio absoluto negativo, à maneira do defendido pelo dualismo gnóstico maniqueísta, mas reflexo de uma realidade relativa. A angústia como sentimento da ausência e da distância é apenas consequência da condição de finitude e constitui-se como o reverso do sentimento da presença e da envolvimento que manifesta a realidade absoluta da Alegria espiritual, do Amor intelectual ou da Felicidade⁹³⁴. Na forma participativa de ser, ao mesmo tempo una e múltipla, estável e móvel, atual e possível, a angústia e a felicidade não são sentimentos contraditórios, mas contrários, porque, estando radicados no mesmo ser, manifestam níveis e graus distintos. Todo o ente tem o ser restrito a um modo ou grau de ser numa referência ao seu contrário, ou seja, a tudo aquilo que ele não é e do qual se diferencia. Nessa diferença gradativa de ser, a angústia manifesta a realidade relativa da finitude por ausência da felicidade e esta, por sua vez, manifesta a realidade absoluta da infinitude. Assim, só a felicidade pode ser nomeada de ontológica, não tendo a angústia outro fundamento que não seja o de privação e de ausência, tal como acontece com o mal em relação ao bem. Sendo expressão da diferença ontológica e uma ameaça para o homem histórico, não tem caráter suficientemente constitutivo e definitivo. O ente existe por meio do ser, neste subsiste e para este tende, apesar das resistências. O ente tem o ser, mas de forma limitada ou participada, pelo que pode adquirir diversas maneiras de ser e diversos graus, incluindo as formas de privação e carência⁹³⁵. No mal e na angústia dos entes expressa-se o absoluto divino como ocultamento e ausência, no bem e na alegria expressa-se como manifestação e presença. O absurdo desse ocultamento exige do pensamento humano a procura de sentido, e nesta, o divino que antes se tinha ocultado volta a revelar-se como o único e incondicional absoluto para que tende essa procura.

No entanto, considera André Torres Queiruga que a angústia não é uma mera ilusão e, embora não tenha primazia, é um sentimento significativo na vivência concreta que ameaça a realização

⁹³⁴ Cf. Paul Ricoeur, *Finitude et culpabilité. L'Homme faillible*, p. 122.

⁹³⁵ Cf. Ângelo Alves, *A corrente idealístico-gnóstica do Pensamento Português contemporâneo*, Antero, Pascoas, Pessoa, Porto, Estratégias Criativas, 2010, p. 42.

histórica e exige atenção fenomenológica⁹³⁶. Na vivência concreta dá-se a alternância entre a angústia e a felicidade e para que se compreenda a ligação entre elas na existência, tem de haver um termo intermédio que constitua a sua matéria ontológica, como se fosse uma mesma moeda com duas faces em que a felicidade é o anverso e a angústia é o reverso. Procurará mostrar que essa realidade mediadora é a saudade, enquanto Abertura ao Absoluto, a qual encerra um caráter irrestrito que não pode ser satisfeito por nenhuma realização relativa e limitada. Define-a como uma indecisão originária e prévia, que ainda não é esperança, mas também já não é angústia, porque é a capacidade em ato de ambas, ou seja, o radical emergir do sentimento ontológico que na realidade vivida se concretizará numa das duas⁹³⁷.

Nesse encontro com a abertura última do seu ser, o homem faz a experiência da presença antecipada de uma plenitude futura. Em estado contemplativo de vigília, o homem reconhece-se participante do Excesso infinito da perfeição, sem nome e limites, em liberdade incondicional e amor superabundante. Nesse momento, a saudade converte-se em esperança. Em estado alienado pela imposição da razão funcional da ciência e da técnica, que exige a certeza da objetivação e a exatidão das ideias claras, a saudade perde-se nos caminhos da angústia. A comunhão é a felicidade, a sua ausência total e definitiva é a angústia. Conforme se viva como maior ou menor lucidez, as concretizações da saudade acentuam mais ou menos um destes polos na gradação interminável das suas posições intermédias.

A saudade apresenta-se assim como o transfundo unitário capaz de mediar as duas grandes possibilidades do ser humano, não por artifício lógico, mas por manifestação da sua essência. Enquanto se descobre como ser saudoso nessa constitutiva abertura, o ser humano experiencia-se como essa dupla possibilidade. O sentimento saudoso está marcado pela dialética ausência-presença, mas no pressuposto de uma metafísica teísta, trata-se de um sentimento em trânsito que tende a resolver-se em presença e em comunhão atual. Considera Andrés Torres Queiruga que o trânsito não está assegurado e que a presença saudosa é sempre e apenas promessa em ausência, porque na condição histórica de finitude não é possível atingir a plenitude. A saudade constitui esse equilíbrio dinâmico e não resolvido, em que a plenitude surge apenas como possibilidade e se mantém no modo de ausência-presença. Se prevalecer a presença sobre a ausência, ou seja, a promessa de plenitude sobre a ameaça do nada, a saudade converte-se em esperança. Se prevalecer

⁹³⁶ Cf. Andrés Torres Queiruga, *Para unha Filosofía da Saudade*, p. 62.

⁹³⁷ Cf. *ibidem*, p. 63.

a ausência e a ameaça, a saudade converte-se em angústia. Esperança e angústia são vivências dinâmicas que expressam a condição existencial de homem caminhante e peregrino (*homo viator*), numa insatisfação que conduz à procura da perfeição e da felicidade⁹³⁸.

5. Conclusão: o fundamento divino da Saudade

Podemos pois concluir que a dinâmica conatural à saudade, não é abertura para a possibilidade da angústia, mas sim para a possibilidade da esperança. As correntes filosóficas que tendem para a primeira perspetiva não atingem o alcance total da metafísica da saudade e ficam no plano meramente fenomenológico ou no plano de uma metafísica maniqueísta. Neste sentido, responde Queiruga, que no contexto do existencialismo não transcendente, a inclinação é a da angústia, mas que no contexto da metafísica teísta a primazia é da esperança. É comum que depois de experiências de profunda frustração e dolorosa desestruturação da personalidade, haja um profundo desvio na interpretação do sentimento saudoso e na conceção do ser do homem, tal como se pode verificar nas filosofias da náusea, da angústia e do desespero. Este engano acontece também no caso do teísmo profundamente influenciado pelo gnosticismo dualista e maniqueísta, porque as duas possibilidades ganham igual dignidade com estatuto escatológico, sob a representação metafórica da salvação eterna do paraíso e da condenação eterna do inferno.

Há uma radical positividade na dinâmica mais radical da saudade, porque como salienta Xavier Zubiri na sua teoria da religação, ser com Deus é algo constitutivo da existência humana e a saudade manifesta esse sentimento vital de pertença que remete para um princípio originário de inacabamento e para um fim de completude. Para este filósofo não há que falar numa disputa entre os órgãos do sentimento e da razão para se saber qual deles é primeiro no acesso a Deus, porque o ser do homem é constitutivamente um ser em Deus. O homem encontra-se implantado na existência, que é uma concretização de ser, e nela se realiza a si mesmo na unidade incomunicável de pessoa, vivendo com os demais entre as coisas. O homem existe no sentido de ser um ente cuja entidade consiste em ter de se realizar como pessoa, mas o que o impulsiona a viver é anterior a esse fazer-se existencial na força de estar realizando-se ou de estar a ser, a qual não vem das coisas nem de si mesmo. O homem está vinculado a algo que previamente o faz ser, numa religação ontológica que nos permite dizer que antes de ir para algum lado, o homem vem de algo divino que o fundamenta e lhe permite ir sendo. O homem está aberto ao ser das coisas, encontra-se com

⁹³⁸ Cf. *ibidem*, p. 74.

elas e vai até elas, mas o seu encontro com Deus não se dá no mesmo sentido do encontro com as coisas. O homem não está com Deus, mas está *em* Deus, ou seja, vem de Deus e tem que fazer-se pessoa indo para Deus. Mas este ulterior ir para Deus, no dinamismo progressivo e plenificador da sua realização pessoal, significa a condição ontológica de ser levado por Deus, porque n'Ele vivemos, somos e existimos (At 17, 28)⁹³⁹.

Esta realidade vital, e não intelectual, de sentir-se vir de Deus e ir para Deus, constitui o sentimento da saudade no seu mais radical significado ontológico. Tal como o ateísmo só é possível nesta deidade aberta pela religação frontal a Deus, também a angústia só é possível no seio do movimento positivo da saudade, que pela esperança explicita essa relação, pois o Deus de Amor é o único fundamento absoluto e o único destino absoluto. Neste sentido, Andrés Queiruga associa a saudade ao sentimento puro e incontaminado do homem na sua determinação última como ente finito em ato de transcendência e em peregrinação para a comunhão. Remete o sentimento da saudade para a condição anterior à queda e à plenitude, na pureza do realmente possível, a qual permite ao ser humano, nos abismos mais desesperados da angústia, não perder nunca totalmente a esperança de se encontrar. A esperança que o homem sente é a manifestação da promessa divina de salvação ou de regresso ao paraíso (Gn 2, 15). Por este vínculo ontológico que não depende de si, mas da graça divina no silêncio do sentimento e na voz da palavra, o homem pode experimentar a Alegria na tristeza e na angústia da sua condição finita⁹⁴⁰.

Referências bibliográficas

- ALVES, Ângelo, *A corrente idealístico-gnóstica do Pensamento Português contemporâneo, Antero, Pascoaes, Pessoa*, Porto, Estratégias Criativas, 2010.
- COIMBRA, Leonardo, *O Homem às Mãos com o Destino*, Braga, Faculdade de Filosofia, 1950 (separata da Revista Portuguesa de Filosofia, Braga, VI, 1 [1950]), in *Obras Completas*, vol. VIII, Lisboa, INCM, 2014.
- COIMBRA, Leonardo, *A Alegria, a Dor e a Graça*, Porto, Renascença Portuguesa, 1916, in *Obras Completas*, vol. III, Lisboa, INCM, 2006.
- COIMBRA, Leonardo, *A Razão Experimental: Lógica e Metafísica*, Porto, Renascença Portuguesa, 1923, in *Obras Completas*, vol. V, tomo II, Lisboa, INCM, 2009.
- ENES, José, *Estudos e Ensaios*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1982.
- ENES, José, *À Porta do Ser. Ensaio sobre a justificação noética do juízo de percepção externa em São Tomás de Aquino*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1990.

⁹³⁹ Cf. Xavier Zubiri, *Naturaleza, Historia, Dios*, Madrid, Alianza Editorial, 1994, p. 433.

⁹⁴⁰ Cf. Paul Ricoeur, *Finitude et culpabilité. L'Homme faillible*, p. 156.

- MAGALHÃES, António Dias de, «Da História à Metafísica da Saudade», in *Saudade e Ser*, in Afonso Botelho e António Braz Teixeira (organização), *Filosofia da Saudade*, Lisboa, INCM, 1986.
- PEREIRA, José Carlos, *A Subjetividade nos limites da Razão, Ensaios de Estética*, Lisboa, Opera Omnia, 2018.
- PIMENTEL, Manuel Cândido, «Da Saudade em Deus», in *Cadernos Vianenses*, Viana do Castelo, Câmara Municipal, tomo 34 (2004).
- PIMENTEL, Manuel Cândido, «A noética da Saudade. Interrogação a José Enes», in *Nova Águia - Revista de Cultura para o século XXI*, n.º16 (2.º semestre de 2015).
- QUEIRUGA, Andrés Torres, *Para unha Filosofía da Saudade*, Ourense, Editorial Galaxia, 2003.
- RICOEUR, Paul, *À l'école de la Phénoménologie*, Paris, J. Vrin, 1986.
- RICOEUR, Paul, *Finitude et culpabilité. L'Homme faillible*, Paris, Editions Aubier Montaigne, 1960.
- RUIBAL, Amor, *Los problemas fundamentales de la Filosofía y del Dogma*, vol. IX, Santiago de Compostela, Tipografía del Seminario Conciliar de Santiago (de Compostela), 1936.
- ZUBIRI, Xavier, *Sobre el sentimiento y la volición*, Madrid, Alianza Editorial, 1993.
- ZUBIRI, Xavier, *Naturaleza, Historia, Dios*, Madrid, Alianza Editorial, 1994.
- ZUBIRI, Xavier, *El Hombre y Dios*, Madrid, Alianza Editorial, 1998.